

A MALDIÇÃO DO MANUSCRITO AUTÓGRAFO

Censura e Auto-Censura nos Manuscritos de Eça de Queiroz

Luiz Fagundes Duarte

Escrever é designar: o sujeito que escreve estabelece conexões mentais entre os conceitos preexistentes à escrita (a que chamaremos representações) e a gramática da língua que utiliza. Nesta operação, o sujeito nunca é livre: ao conceptualizar, enquadra-se numa dada história cultural e pessoal que lhe condiciona o modo de representar; ao designar, tem que respeitar a gramática e o vocabulário da língua, o que lhe limita as possibilidades de actuação, não só porque o sistema linguístico é finito, mas porque toda e qualquer língua natural apresenta a sua própria desmontagem do mundo referencial, ou seja, tem a sua própria ideologia.

Consideremos dois exemplos banais: o termo “floresta”, que designa para um português um conceito especificamente diferente daqueles que os termos que aparentemente lhe correspondem designam nas línguas de um índio da Amazônia, de um beduíno do Norte de África ou de um habitante da Lapónia; e o termo “esquisito”, que sendo comum ao português e ao castelhano (aqui com a grafia *exquisito*) designa conceitos semanticamente opostos nas duas línguas (em português: “excêntrico”, “raro”, “estranho”; em castelhano: “excelente”, “delicado”, “delicioso”). Assim, do mesmo modo que um português, um índio da Amazônia, um beduíno do Norte de África ou um habitante da Lapónia não têm o mesmo grau de liberdade na utilização dos termos que nas respectivas línguas correspondem ao português “floresta”, um português ou um espanhol não têm a mesma liberdade na utilização do termo “esquisito” / “exquisito”, o que leva a que cada um deles não seja espontâneo quando utiliza este termo no contexto do outro: tem sempre um grande medo de errar – o que seria plenamente justificado perante o desagradável *qui pro quo* que se estabeleceria se um espanhol, convidado para jantar em casa de um português desconhecedor destas falsas-amigas, dissesse com a maior simpatia à dona da casa que o jantar estava *exquisito*...

No seu aspecto designativo, o acto de escrever é um acto de risco: se não escolher as palavras e as construções linguísticas adequadas, o escritor corre o risco de se não fazer entender – ou então de o leitor, que lê o texto de acordo com as regras gerais da língua, às quais no entanto soma os valores do seu próprio contexto sócio-cultural, lhe entender nos escritos uma coisa diferente daquilo que ele pretende; por isso, o sujeito que escreve tem que adaptar o seu discurso espontâneo a estas regras, nele eliminando ou transformando aquilo que seria passível de uma má interpretação, ou mesmo até não interpretável.

Daqui, poderemos partir para a afirmação que *escrever é censurar* – e os manuscritos autógrafos de Eça de Queiroz são disso um bom exemplo: tendo em conta que a dimensão “escrita” é relativamente precoce na construção dos textos de Eça (ou seja, quando ele inicia a escrita ainda não tem estabelecidas todas as representações, pelo que a escrita funciona como um ensaio de representações, e os suportes como um laboratório de designações), o acto físico de escrever acompanha *pari passu* o acto mental de designar; ou seja, o manuscrito vai acompanhando a construção do texto desde os momentos mais primitivos até à forma final registando, lugar a lugar e momento a momento, todas as hesitações, dúvidas, falhanços e aquisições de certezas do autor perante o texto em construção; frequentemente até, o próprio texto vai determinando, no momento em que está a ser escrito, a orientação do texto subsequente, impondo assim sentidos que eventualmente não estavam previstos no momento em que o autor iniciara a escrita – ou anulando outros que o estavam.

De todos os manuscritos queirozianos disponíveis, os do romance inacabado *A Capital!* serão talvez os mais elucidativos acerca desta maneira de trabalhar. É por esta razão que vou utilizar dois dos manuscritos do processo genético deste romance (o manuscrito *A*, E₁/287A, e o manuscrito *B*, E₁/287), comparando as lições de uma mesma passagem em cada um deles: a narração de algumas peripécias da sessão de inauguração das novas instalações, em Lisboa, de um *club* democrático, confusamente republicano e socialista e até com laivos maçónicos, assistindo-se à discussão de alguns conceitos, valores e comportamentos de cariz político e ideológico. Esta passagem baseia-se em personagens e acontecimentos reais, e é particularmente interessante na medida em que nela são abordados temas susceptíveis de actos de censura.

Nesta cena encontramos, entre vários figurantes, as personagens Jácome Nazareno e Matias (e de certa maneira o patrono espiritual de ambos, Damião, que embora ausente de cena é uma referência constante), e ainda Artur Corvelo, que são facilmente identificáveis enquanto caricaturas de personalidades históricas como, respectivamente, Salomão Sáraga, José Fontana, Antero de Quental e o próprio Eça quando jovem. Quanto aos acontecimentos, a análise das correcções autógrafas fornece-nos alguns dados curiosos: na primeira versão do romance (manuscrito *A*), o secretário do clube lê a acta da sessão anterior, que começava assim: “Acta da sessão de 6 de Outubro de 1878”; em fases subsequentes de correcção, Eça riscou o ano e substituiu-o por pontinhos (ainda em *A*), para depois, no manuscrito *B*, apenas referir que o secretário “ia rosnando a leitura de uma Acta” – o que é significativo enquanto processo de apagamento de referências: Antero de Quental (modelo de Damião) esteve, de facto, ausente em França entre

os começos de junho e o dia 8 de outubro de 1878 (o que dá cobertura referencial à ausência de Damião nesta reunião do *club* republicano), e em carta a Oliveira Martins de 10 de outubro do mesmo ano confessa-se desgostoso com a confusão ideológica que reina nos centros republicano-socialistas de Lisboa, onde nascera a ideia de o candidatarem a deputado por Alcântara, afirmando que talvez seja “ocasião de me explicar sobre a delicada distinção entre socialista e republicano, e de sair, uma vez por todas, dum equívoco que me pesa”¹.

Sendo assim, é natural que Eça tenha censurado o seu texto, começando por amenizar, através de expedientes narrativos identificáveis nas correcções de *A* e na passagem para *B*, os excessos caricaturais com que começara por se retratar e por retratar os seus *compagnons de route* e do Cenáculo, para depois o censurar de todo não o publicando, sem dúvida por temer que as suas caricaturas ofendessem os modelos e que isso lhe trouxesse dissabores: numa carta privada, chega mesmo a referir o “escândalo” que o romance provocaria caso fosse publicado – o que nos permite afirmar que, mais do que por o romance não o satisfazer esteticamente (dificuldade que a sua fábrica facilmente ultrapassaria), o facto de Eça não ter publicado *A Capital!* resultou de um acto de verdadeira autocensura.

Mas olhemos para o exemplo que seleccionei, e que vai transcrito no Quadro 1, nas versões dos dois manuscritos: na coluna da esquerda, temos o texto de *A*, e na da direita o de *B*. Para melhor os podermos comparar, o arquitecónio (a “história” narrada) representado pelos dois testemunhos é dividido em vinte e seis sequências definidas pelo desenrolar da acção. Os espaços em branco em cada uma das colunas indicam que no testemunho respectivo falta o texto correspondente na outra coluna: se o espaço em branco é na coluna da esquerda (*A*), quer dizer que o da direita (*B*) foi acrescentado; se é na coluna da direita, significa que houve texto de *A* que foi censurado; ou então, em ambos os casos, que houve texto deslocado. De qualquer maneira, é indicado quando se trata de texto acrescentado, eliminado ou deslocado.

Se compararmos o texto dos dois manuscritos, verificaremos que das vinte e seis sequências treze são comuns (sequências números 1, 3, 5, 7, 11, 13, 15, 17, 19, 21, 22, 24 e 26 apresentando apenas diferenças formais, sendo que três mudam de posição: 7, 21 e 22), dez são acrescentadas (números 4, 6, 8, 9, 10, 12, 14, 16, 18 e 25) e três eliminadas (números 2, 20 e 23). Passando por cima de aspectos meramente estilísticos (de que servirá de exemplo a sequência número 3), as diferenças fundamentais entre o texto de *A* e o de *B* são de três tipos com um denominador comum: *B* amplia *A*; e isso nota-se obviamente pelas sequências acrescentadas de novo, mas também pelo facto de, nas que são comuns, a lição de *B* ser em geral um pouco mais desenvolvida do que a de *A*.

É aqui que encontramos o primeiro tipo de diferenças, de que servirá de exemplo a sequência número 1, onde os acrescentos “Uma só palavra os desfaz” e “com força” substituem, em *B*, toda a sequência número 2 em *A*, onde inicialmente eram enunciados os argumentos do equívoco na perspectiva de Falcão (Socialismo *vs.* Constitucionalismo Jacobinismo), apresentando-se assim o socialismo como um absoluto sem que tenha necessidade, para se afirmar, de ser contraposto a outros modelos ideológicos. Porém, na sequência número 5, a maneira anódina como Matias/José Fontana responde a Falcão (e que poderia ser entendida como insinua-

ção de que ele aceitava a posição radical deste, participando assim da sua confusão ideológica), é desenvolvida pelo acrescento de qualificações a Matias (“olhar frio de ódio”, “voz afectadamente cortês”), pelas quais se sugere que ele, embora não concordando com Falcão, apenas por espírito democrático e por boa educação lhe tolera as opiniões, não deixando contudo de deixar bem claro o seu desagrado: situação idêntica se verifica na sequência número 21, onde Jácome Nazareno/Salomão Sáraga vê o seu comportamento de cólera primária ser transformado num símbolo ideológico: “com o punho estendido”; nestes exemplos, temos uma tentativa de separação de águas, e portanto de alargamento do espaço de debate. Esta ampliação é reforçada pela eliminação, na sequência número 7, da frase “Que nos une aqui é a justiça indignada”, na medida em que desloca a discussão de um humanitarismo vago e conceptualmente redutor (“Justiça indignada”) para aspectos mais concretos da situação política (os males do sistema) e por isso mesmo mais produtivos em termos de debate.

Paralelamente, verifica-se uma tentativa para desviar a atenção do leitor face aos comportamentos e às ideias dos protagonistas da cena – o que é uma maneira de censurar, na medida em que contribui para o esvaziamento das personagens com referente na vida real. É o segundo tipo de diferenças, no qual se reúnem as sequências em que as posições ideológicas da personagem Matias, que em *A* são dadas de uma forma que privilegia o monólogo (repare-se no alinhamento monológico das sequências números 5, 7, 11, 13, 15, 17 e 19), em *B* são transformadas em diálogo (sequências números 6 e 11), dividindo-se assim o protagonismo e creditando-se a quem de direito as posições ideológicas mais radicais.

O terceiro tipo de diferenças consiste no amaciamento dos traços mais verrinosos da caricatura através da introdução, no manuscrito *B*, de dois tipos de figurantes-comentadores que actuam à maneira do coro na tragédia grega: um desses tipos, singular, é um homem “vestido de *cheviot*” que interfere na discussão para apoiar abertamente as posições dos socialistas (sequências números 4 e 6); esta personagem parece ter sido desenhada pelo autor para suporte das posições mais radicais, posições essas que mesmo assim o autor teve muito trabalho a modular: note-se o cuidado com que Eça lhe foi controlando o discurso na sequência número 20 (20a, 20b e 20c) de *A*, até chegar à forma da sequência número 6, de *B*, que já nada tem a ver com as formas anteriores; de qualquer modo, quer esteja calado quer no uso da palavra, este homem é um catalisador de atenções: é ele que mais chama a atenção de Artur quando chega às instalações do clube, a ponto de este perguntar a Nazareno quem é ele, obtendo como resposta um seco “Um doido”; é ele que, desempenhando um papel secundário na discussão que se gera, toma a palavra à força (sequência número 6: “Não esperou que lhe concedessem, prosseguiu”), irritando Nazareno, que assim é revelado, indirectamente, como não socialista. O outro tipo, que é colectivo e é descrito de um modo impressionista, dá expressão aos sentimentos de confusão generalizada e de total alheamento da massa associativa do clube perante as preocupações ideológicas dos protagonistas: enquanto estes manifestam as suas confusões conceptuais, vemos à volta expressões assombradas, cochichos, risinhos, curiosidade primária (número 4), tomadas de posição fora de contexto, sussurrações confusas, ignorância impaciente (número 8), tentativas vãs de per-

ceber o que se passa, por parte de alguns, manifestações de tédio ou de ironia, por parte de outros (número 10), mudas tomadas de posição por um debatente contra o outro (número 16); em suma, encontramos aqui uma espécie de Sancho Pança colectivo, magnificamente retratado na sequência número 25, que pragmaticamente espera da revolução política a substituição de uma clientela partidária por outra (“E os que se tinham reunido ao *club*, na esperança duma futura satisfação de necessidades ou de ambições, sentiam como um vasto logro”...). Com este estratagema narrativo de deslocar parte das luzes de cena dos protagonistas para uma massa anónima, cujo comportamento vai catalisando a atenção dos diversos tipos de leitores, Eça lança uma penumbra temporária sobre os protagonistas e as suas fraquezas ideológicas: aquilo que estes diziam em *A* continua a ser dito em *B* – só que o leitor, em *B*, está mais distraído.

Podemos dizer que o texto de *A* estará porventura mais próximo das representações originais do autor, onde os caracteres das personagens e os actos por elas praticados têm contornos mais contrastivos, menos polidos, e sobretudo mais imediatos; por sua vez, o texto que encontramos em *B* estará mais próximo da designação final: ampliações de várias ordens, com efeitos estilísticos mas também narrativos, não só boleiam as arestas mais salientes como dividem por personagens diferentes traços caricaturais que de antes carregavam apenas uma, perdendo as personagens em parte o seu aspecto grotesco, e por vezes até boçal, para se transformarem em amáveis caricaturas. Mas, de qualquer modo e sempre – caricaturas.

Trata-se, claro, de caricaturas queirozianas. Mas, sem querer estabelecer relações forçadas entre realidade histórica e ficção, encontramos nesta passagem d’ *A Capital!*, talvez, algumas daquelas confusões que, como já foi referido mais acima, Antero queria esclarecer; e poderemos também encontrar alguns ecos da realidade histórica, embora com referências baralhadas. Só que Eça de Queiroz sabia até onde podia levar a caricatura: aqui, no fundo, quem é caricaturado não são Antero, Fontana, Sáraga ou o próprio autor, mas um determinado meio ideológico-social em que ele interveio e do qual foi, em certo sentido, vítima e carrasco.

E fosse em qual fosse destas categorias que Eça de Queiroz se autoclassificasse, o resultado para ele talvez fosse igualmente um logro. Por isso tomou a decisão mais sábia: juntou as folhas do seu romance e atirou-as para o silêncio do seu famoso baú, talvez esperando assim sepultar memórias que o perturbavam, censurando-as definitivamente – talvez, quem sabe, seguindo a lição do folhetinista Gomes Brito que, numa outra passagem censurada do manuscrito *A d’ A Capital!*, nos dá uma magistral definição funcional de censura:

– Falar mal dum livro, meu amigo, é fazê-lo conhecido. Ora, o que se quer justamente, é que ele fique no limbo. Nada, nada, o silênciozinho, o antigo silênciozinho. Moita e deixa passar... A crítica hábil devia ter este símbolo – um apagador! [*A Capital!*, Ms. A, 124^v].

Só que, vinte e cinco anos depois da sua morte, os filhos romperam-lhe o silêncio e publicaram-lhe o romance. E como as memórias do pai lhes perturbavam o sono – censuraram-nas até à demência. Mas essa é uma outra história interminável, que noutro capítulo se continuará².

Notas

1. Cfr. Antero de QUENTAL, *Cartas*, I. Organização, Introdução e Notas de Ana Maria Almeida Martins. Lisboa: Universidade dos Açores/Editorial Comunicação, 1989, vol. I, p. 446.
2. Cfr. Luiz Fagundes DUARTE, "A maldição do manuscrito autógrafa". *Quinto Império. Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa*, N.º 5 (2.º semestre de 1995), pp. 87-96. Salvador: Gabinete Português de Leitura – Centro de Estudos Portugueses – Casa Fernando Pessoa.

Quadro 1

Representação do arquiteyto nos testemunhos A e B

	<i>A Capital!</i> , manuscrito A E ₁ /287-A, fls. 112 ^v -114		<i>A Capital!</i> , manuscrito B E ₁ /287, fls. 115-119 ^v (Cfr. <i>Edição Crítica</i> , pp. 289-93)
1	– Desejando fazer parte do Club democrático, eu quero, antes de tudo evitar equívocos. Eu sou socialista. – Fez uma pausa, olhou em redor. “Sou socialista,	↔	– Desejando fazer parte do Club Democrático quero evitar equívocos. Uma só palavra os desfaz. Eu sou socialista. Olhou em redor, repetiu, com força: – Eu sou socialista.
2	na larga, na nobre, na alta intelligencia da palavra. So-ci-a-lis-ta. É o meu odio ao Constituciona-lismo, não é maior, que o meu odio ao Jacobinismo”.	<i>Texto eliminado</i> ←	
3	Curvou-se profundamente, com a mão sobre o peito, e recuando um passo esperou – com um aspecto de valor heroico.	↔	Recuou um passo – cruzou os braços sobre o peito, erguendo a face lívida – como para afrontar a morte.
4		<i>Texto acrescentado</i> →	Em redor, havia, nas fisionomias, uma vaga expressão assombrada, mistificada: cochichava-se: narizes franzidos interrogavam, num gesto mudo: risinhos fungaram. Que é? Quem é? Que diz ele? O rapaz vestido de <i>cheviot</i> exclamou: – Apoiado! É bom preveni-los.
5	Mathias, com as duas mãos apoiadas sobre a mesa, disse então, no silencio: – Este club não tem exclusivismos;	↔	Matias deu-lhe de lado um olhar frio de ódio, – e com uma voz afectadamente cortês: – Este club não tem exclusivismos...

6		<p><i>Texto acrescentado</i></p> <p>→</p>	<p>Mas tem divergências! interrompeu o rapaz vestido de claro. Erguendo-se: – Peço a palavra! Não esperou que lha concedessem, prosseguiu: entre pessoas que aspiram apenas a substituir um rei constitucional por um presidente jacobino, e que se indignam porque há viscondes, que fazem guerra à lista civil, e outras pieguices – e entretóns que queremos a Revolução Democrático-Social na sua larga acção – há divergências muito graves. É conveniente evitar os equívocos... Estou com o senhor Falcão, uma declaração a tempo define os terrenos...</p>
7	<p>aceita toda a opinião democrática, que se apresente em oposição ao Regimen Constitucional. Que nos une aqui é a Justiça indignada. Em presença da vergonha, da relação, da podridão, do Systema actual, o dever de todo o homem livre, é associar-se para a sua destruição.</p>	<p><i>Texto deslocado</i></p>	
(21)		<p><i>Texto deslocado</i></p>	<p>O estrábico soltou um <i>apoiado</i> semelhante a um rugido. Nazareno, que se agitava, impaciente, ergueu-se bruscamente, e com o punho estendido:</p> <ul style="list-style-type: none"> – É melhor desmanchamos o <i>club</i> à nascença, e acabarmos... – Ordem, ordem! – disse-se logo. – Pois que significa, gritava o Nazareno bracejando, trazerem-se estas divergências apenas nos instalamos?

8		<p><i>Texto acrescen- tado</i></p> <p>→</p>	<p>Ainda as portas não estão pintadas, e já nos dividimos em partidos...</p> <p>– Não queremos ser confundidos com jacobinos! rugiu o estrábico.</p> <p>– Nem nós com os comunistas! atirou um sujeito de barbas e óculos.</p> <p>Alguns diziam, monotona-mente – Ordem! Ordem!, fazendo girar aquela fórmula par-lamentar. O velho militar grunhia – <i>Fora os petroleiros!</i> Uma sussurração confusa corria os bancos, quebrando-se, aqui, além, por alguma voz saliente que gritava – mais seriedade! mais decência. O místico, conservava-se imóvel, espectral, os braços cruzados. E um indivíduo que trazia um cachiné, que estava sentado ao pé de Ártur, perguntou-lhe ao ouvido, com o rosto franzido de ignorância impaciente:</p> <p>– A que vem tudo isto? Que querem eles?</p>
(22)		<p><i>Texto deslocado</i></p>	<p>Ninguém parecia saber “o que eles queriam” – até que Matias, que decerto julgou o tumulto inconveniente à sua dignidade, repenicou, nervoso e pálido, uma pequena campainha de quarto de convalescente.</p> <p>– É lamentável, – disse, no silêncio criado – que se produzam antipatias tão caracterizadas, apenas reunidos para um fim de justiça.</p>
9		<p><i>Texto acrescen- tado</i></p> <p>→</p>	<p>São estas cenas que justificam – o que dizem os nossos inimigos, que no Partido Republicano não há senão desunião.</p>

(7)		<i>Texto deslocado</i>	Este <i>club</i> não tem exclusivismo, repito. Aceita toda a opinião que se apresente em oposição ao Constitucionalismo. Em presença da vergonha do sistema actual, o dever de todo o homem livre, e inteligente, é associar-se para a sua destruição.
10		<i>Texto acrescentado</i> →	Havia agora, nas filas de cadeiras, uma atenção intensa, de rostos estendidos, aplicados a surpreender, apanhar, a significação daquela divergência irritada. O amigo Abílio fazia com a mão uma concha acústica à orelha. Com o queixo na palma da mão, alguns arregalavam olhos em que reluzia a adoração pelo Matias. Só o socialista, Gilberto, o estrábico, e outro que, com as pálpebras abaixadas, catava os pêlos do bigode, afectavam distrações, com bamboleamentos de pernas muito irónicos, os lábios torcidos em sorrisos de tédio.
11	Se o Sr. Falcão, por Socialismo, entende, uma nova concepção de Propriedade, de Trabalho, de Educação, do Casamento, da Sanção Moral, em oposição à solução, dada pela Igreja, e as Instituições que a realizam – somos todos socialistas.	↔	E Matias prosseguia: – Se o senhor Falcão (o místico dobrou-se em dois) por Socialismo entende... O místico disse, dum só fôlego: – Entendo uma nova concepção da Propriedade, do Trabalho, do Casamento, da Educação, da Sanção moral, etc., em oposição às soluções dadas pela Igreja e as instituições que as realizam... Matias estendeu o braço: – Então, mais ou menos, somos todos socialistas.

12		<i>Texto deslocado</i>	<p>– <i>Quod Deus avertat</i>, interrompeu Gilberto.</p> <p>O sujeito de <i>cache-nez</i> parecia extremamente impaciente, intrigado:</p> <p>– Mas onde querem eles chegar? – perguntou a Artur.</p> <p>A explicação seria longa, complicada – e para a abreviar, Artur disse-lhe baixo:</p> <p>– Partidos. São dois partidos... – Teorias, disse o do <i>cache-nez</i>, que parecia ter pela ideologia – um ódio de economista – a questão é fundar um jornal... E pôr um guarda-vento naquela porta, que vem uma corrente de ar que me mata...</p>
13	Se entende, essa reforma feita pela philosophia, e pelo povo para [X] a educação na philosophia, com exclusão, de toda a direcção authoritaria podemos talvez divergir. Se entende ainda, como solução política, a formula federalista, em opposição à formula unitaria – podem tambem haver divergencias.	↔	<p>Matias, agora, falava da revolução social:</p> <p>– Se o senhor Falcão entende, como socialista, que ela deve ser feita pelo povo, educado por uma filosofia popular, positiva, (procurava os adjectivos) proudhoniana, – com exclusão de toda a direcção autoritária, de toda a iniciativa do Governo, então podemos divergir. Se na questão política, pretende impor a fórmula federativa, em opposição à fórmula unitária, decerto divergimos também.</p>
14		<i>Texto acrescentado</i> →	– Divergimos sempre – atalhou Gilberto.
15	Mas como estamos esperando no mesmo ideal, – penso, que mais tarde, poderemos entendermos sobre essas altas questões.	↔	<p>Matias continuou:</p> <p>– Mas estamos unidos para o mesmo fim – e mais tarde, desembaraçado o país das Instituições do passado, podemos agitar essas altas questões...</p>

16		<p><i>Texto acrescen- tado</i></p> <p>→</p>	<p>- Frases! rosou Gilberto. Aquele irreverência pareceu escandalizar; olhos acesos, irados, voltaram-se para ele: o velho militar acariciava soturnamente o castão da bengala. E as mesmas vozes repetiam: - decência! decência!</p>
17	<p>O Jacobinismo não combate o Socialismo: prepara-o: o socialismo é um espiritual substituído a outro:</p>	<p>↔</p>	<p>- O Jacobinismo, - continuou Matias - já que esta palavra agrada ao senhor Gilberto, o Jacobinismo não combate o Socialismo, prepara-o. Repetiu, com um gesto vivo: prepara-o! O Socialismo é um espiritual substituindo outro espiritual...</p>
18		<p><i>Texto acrescen- tado</i></p> <p>→</p>	<p>O místico abaixou aprovativamente a cabeça. E havia em todas as fisionomias um vago ar espantado, de incompreensão, de fadiga.</p>
19	<p>essa substituição para ser feita sem sangue, precisa, ser feita dentro, d'um regimen amigo, que a favoreça, a desenvolva, e garanta a paz social em quanto se faz a transformação espiritual. Sendo assim...</p>	<p>↔</p>	<p>- ...Ora essa substituição, continuava Matias, para ser feita, sem luta, sem choques, precisa ser feita dentro dum regimen amigo, que a favoreça, a promova, e garanta a paz social enquanto se faz a transformação espiritual.</p>

20	O sujeito de fato de cheviot, ergueu-se:	<i>Texto eliminado</i>	
20a	[<i>Primeira versão, riscada:</i>] - O Jacobinismo no poder, será mais adverso a uma evolução socialista, que o atributismo. Todo o governo autoritário, e similares, se julga fatalmente, e deve julgar-se providencial – como tal defende-se. O Jacobinismo, reclama-se do sufrágio universal, como d'um direito divino: e sob a fórmula providencial, ou sobre a forma cesariana, segundo o temperamento da população – é tyrannia.	<i>em várias versões</i> ←	
20b	[<i>Segunda versão, riscada, incompleta:</i>] Ser-se tão hostil ao Socialismo, como o asno do Chambord		
20c	[<i>Terceira versão:</i>] - E a tentativa do Socialismo, para fazer a sua evolução, no seio do Jacobinismo, era uma repetição sanguinolenta dos três dias de Julho.		
21	Jacome levantou-se, com colera: - É melhor, desmanchar o Club à nascença, e acabou-se. - Ordem! Ordem! Jacome disse, irado, bracejando. - Que significa trazeremos no primeiro dia da instalação essa discordância?	<i>Texto deslocado</i>	
22	Mathias agitou fortemente a pequena campainha, de quarto de convalescente: - São lamentáveis, que se produzem antipatias tão caracterizadas, apenas, reunidos, para um fim de Justiça.	<i>Texto deslocado</i>	
23	O Jacobinismo ainda não governa, Sr. Gilberto. – E com uma ironia fria - Tem tempo para preparar a anarquia dos três dias de Julho...	<i>Texto eliminado</i> ←	
24	- E os tyranistas a repressão! atirou o Gilberto.	↔	- pretextos para o cesarismo, rosou Gilberto.

*Texto
acrescentado*



O sujeito de *cache-nez* apertava as mãos na cabeça, murmurou com uma voz plangente:

– Ih, Jesus, eu não os percebo, eu não os percebo.

Não pareciam em geral. Os olhares, que o desejo de compreender arregalava, iam de Gilberto a Matias, implorando clareza: em toda aquela fraseologia nebulosa, onde estava a República? Porque não diziam, claramente, como se havia de destruir a Casa de Bragança? porque se não distribuía já os empregos de que os Conservadores iam ser expulsos? Com que regimentos se contava? E os que se tinham reunido ao *club*, na esperança duma futura satisfação de necessidades ou de ambições, sentiam como um vasto logro – encontrando em lugar de preparativos de acção, argumentações de doutrinas. Um indivíduo, sem barba e muito amarelo, exprimiu a impaciência de todos, dizendo, com uma voz fria:

– Vamos ao que importa, basta de filosofia.

Matias fitou-o, com o seu olhar frio como uma punhalada:

– O senhor Malaquias, se lhe falta o respeito pelas ideias, deve ter ao menos o respeito pelas pessoas.

– Bravo! Apoiado!

O Malaquias ergueu os braços, enterrando a cabeça nos ombros, – e com uma foz fina, muito arrastada, pegajosa, que arrepiava os nervos:

– Eu não é para ofender, eu era pra dizer...

Artur reparou nele, então; era amarelo, duma amarelidão baça, oleosa; tinha a boca muito larga, – e parecia sujo, viscoso, sentia-se que devia exalar um cheiro mau.

26	<p>Mathias, deu-lhe de lado um olhar rancoroso – Mas continuou com um sorriso frio: – Mas até lá, não vemos na entrada do Sr. Falcão no Club, senão a aquisição d’um democrata illustre.</p> <p>Falcão curvou-se e foi escrever o seu nome.</p>		<p>Matias então resumiu:</p> <p>– O incidente vai longo – e eu exprimo a opinião do <i>club</i>, dizendo que nos honramos de ver entre nós o senhor Falcão, e que sejam quais forem as divergências de opinião, é um orgulho adquirirmos a cooperação dum homem de bem, e dum democrata illustre.</p> <p>O místico curvou-se até ao chão, – e entre apoiados!, foi assinar o seu nome no registro.</p>
----	---	---	--